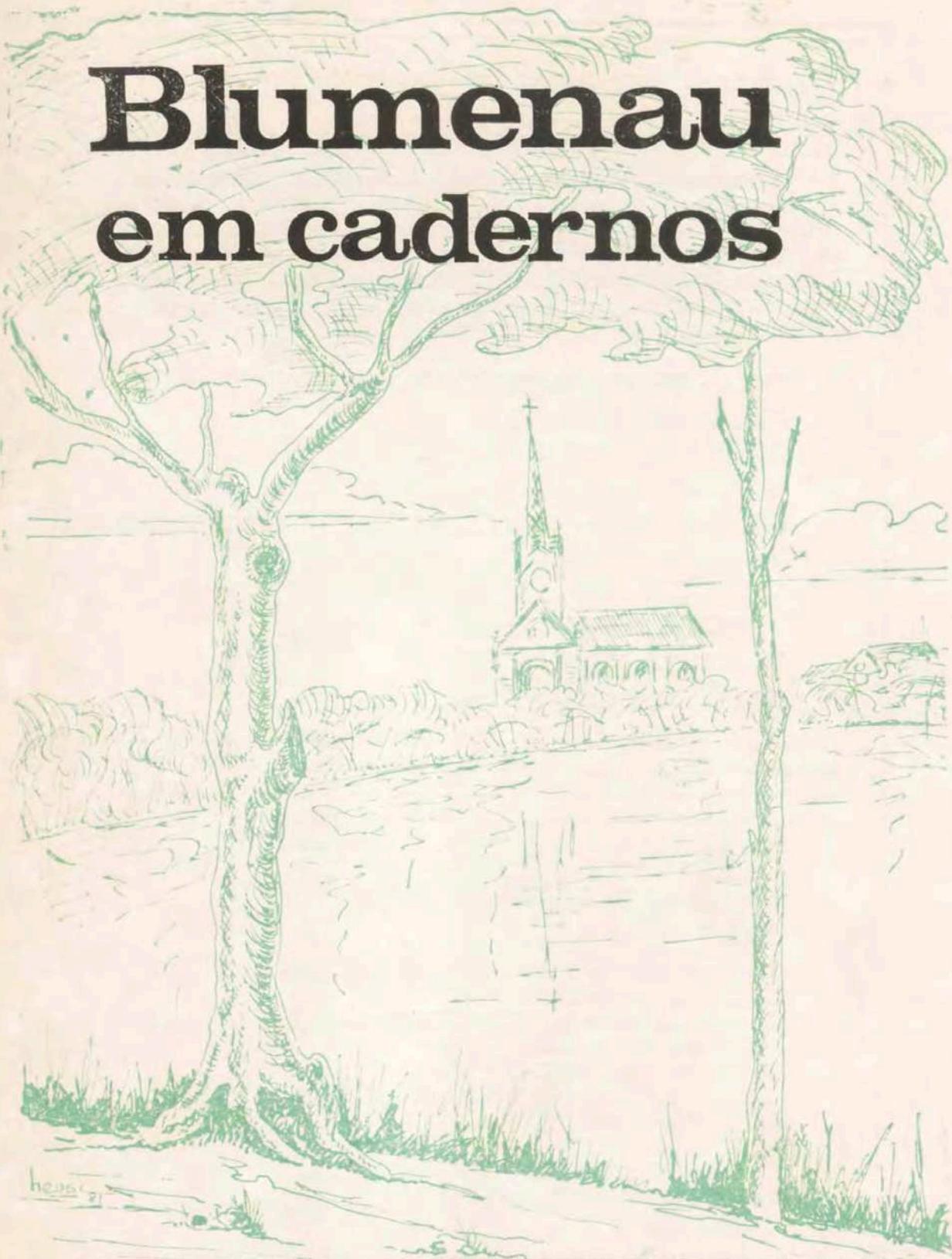


# Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII/7

Julho de 1987

Edição 367

ILUSTRAÇÃO  
RUBENS  
HEUSI - 81

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.  
COMPANHIA HERING  
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN  
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.  
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS  
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.  
SUL FABRIL S/A.  
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE  
LOJAS HERING  
COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial  
TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.  
GRÁFICA 43 S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.  
MOELLMANN COMERCIAL S.A.  
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.  
BUSCHLE & LEPPER S.A.  
CIA. COMERCIAL SCHRADER  
JOÃO FELIX HAUER  
MADEIREIRA ODEBRECHT  
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS  
MÓVEIS ROSSMARK S.A.  
ARTUR FOUQUET  
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.  
PAUL FRITZ KUEHNRIK  
CASAS BUERGER

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII/7

Julho de 1987

Edição 367

## SUMÁRIO

Página

Calendários antigos são atração no Museu da Família Colonial	202
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	203
Aconteceu... -- Junho de 1987 .....	206
Notas Sobre a População de São Pedro de Alcântara — 1850-1890	
Carlos Alberto Pinto da Silva .....	208
O centenário de nascimento de Eugen Fouquet .....	220
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo —	
Maria Batista Nercolini .....	226
Imigração Polonesa — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	229
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff ...	231

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 30,00 + 20,00 (porte) = 50,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

## Calendários antigos são atração no Museu da Família Colonial

No início do século, o imigrante blumenauense se orientava pelos calendários que eram distribuídos no final do ano, contendo nomes de santos, fases da lua, feriados etc. Aos domingos era comum vê-los sentados em frente a varanda de suas casas com a vizinhança reunida para ouvir alguém que lesse em voz alta, os textos que estavam escritos nos "Kalender" (uma espécie de livro-calendário), em alemão gótico. Liam folha por folha, discutiam todos os assuntos e as ilustrações. Era um hábito comum do povo. A declaração é de Franz Brack, 75 anos, moveleiro aposentado, que se transferiu para Blumenau nos idos de 1924, permanecendo entre nós até hoje, depois de atuar junto com seu pai em São Bento do Sul, onde mantinha uma pequena fábrica de móveis.

Muito interessado no passado histórico de Blumenau, Franz Brack faz constantes visitas à Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller" e Arquivo Histórico. Prof. José Ferreira da Silva e ao Museu Colonial, que funcionam na Alameda Duque de Caxias. Franz fez uma notável avaliação acerca da exposição "Calendários no Tempo", exibido ao público desde a primeira semana de junho.

Segundo Franz Brack, os

"Kalender", em alemão, são uma espécie de livro que continha dados que interessavam ao colono. Era distribuído como brinde de final de ano às famílias. Tinha em geral 200 páginas.

Ele relata como era difícil ao colono ter algo para ler. "Um livro naquela época, além de raro, era caro e ninguém tinha acesso". Segundo Franz, os "Kalender" vieram preencher um imenso vazio cultural. Usando uma expressão para demonstrar a importância que esse objeto tinha entre os colonos, Franz relembra que a língua alemã podia ser exercitada e, com isso, a tradição dos alemães perpetuava-se para as gerações seguintes.

Questionado por que agora estamos vendo as nossas indústrias, lojas comerciais distribuírem atualmente um calendário simplificado, Franz admite que o desenvolvimento industrial e os meios de comunicação modernos se encarregaram de mudar completamente a mentalidade das gerações. Ele cita, por exemplo, que atualmente um antigo hábito existente entre famílias não seja mais praticado. Reunir-se na casa de algum vizinho para discutir assuntos de interesse, como se fosse um jornal.

"Então os calendários de hoje nada mais são do que simples acessórios comerciais que servem

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

para anotações gerais, das tarefas a serem executadas e a que horas vai ser o compromisso. Hoje já não se fala em calendários, se fala em agendas”.

Em sua opinião, os calendários do final do século 19 e os atuais apresentam uma enorme diferença. Os primeiros tinham fases da lua, informavam o agricultor sobre todas as coisas. Com o passar dos anos, esse tipo de informação mudou. Passou a ser mais comercial, de forma “rigoro-

sa”, enfatiza ele.

Atualmente, uma agenda pode ser guardada na gaveta e você só retira de lá, quando se precisa dela. Enquanto que os “Kalendar” eram instrumentos de consulta diária que acompanhavam o colono, em suas dúvidas, e traziam mensagens variadas, pois tinham até provérbios. Hoje, as agendas não passam de um mero presente comercial”.

(Entrevista concedida ao jornalista João Afonso Boer)

## AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

### “ORELHAS” PARA UM LIVRO DE LAURO JUNKES

A obra de Lauro Junkes, cujo desenvolvimento acompanho quase do início, é da maior importância para as letras catarinenses. Se é verdade que antes dele outros críticos se entregaram à interpretação das produções de nossos autores, também é certo que nenhum deles o fez de maneira tão persistente e sistemática. Não constitui exagero afirmar que pouco tem escapado ao crivo desse crítico atilado, a partir de 1970, de tudo aquilo que veio a lume no Estado, em prosa ou verso, assim como não ficou sem registro o mais modesto grupo ou tentativa de movimento literário. É hoje um acontecimento aceito com a maior naturalidade que ao lançamento de algum novo livro suceda a análise isenta e serena do estudioso incansável. Parece que sem o seu comentário, estampado nas páginas dos jornais, uma estréia não se consuma, uma nova obra não se integra à coletividade bibliográfica da lavra catarinense. São centenas de artigos, meditados e penetrantes, ressaltando qualidades ou apontando defeitos, saudando talentos e vaticinando sucessos. Mas, ainda que escritos com rigorosa técnica e sem desprezar a beleza formal, não são impenetráveis e nem pretendem exhibir eruditismos dispensáveis. Imbuído de apurada consciência profissional, exercita a atividade crítica como quem abre caminhos ao leitor. Nem seria necessário dizer que é um trabalho cansativo, obrigando-o a um fardo de leituras infundáveis, em prejuízo de suas preferências naturais, de livros nem sempre dotados dos maiores atrativos.

O trabalho de Lauro Junkes, no entanto, não se limita ao que ele estampa nas colunas efêmeras dos jornais. Aos poucos vai se corporificando nos sucessivos livros que publica, a exemplo de “O faro

da raposa", "O leão faminto", "A narrativa cinematográfica" (reunindo crítica de cinema), um alentado ensaio sobre Adonias Filho, a organização de antologias de Elisiário Quintanilha (poética) e Virgílio Várzea (contos) e, muito especialmente, em "A presença da poesia em Santa Catarina", às vésperas de uma segunda edição. Este último, pelo critério de organização e pela amplitude do conteúdo, é um marco na estante catarinense, como afirmei na época de seu aparecimento em palavras que o tempo só veio confirmar. Esse livro foi o primeiro a fornecer uma visão panorâmica tão completa quanto possível da produção de nossos poetas, clássicos e modernos, antigos e atuais, permitindo uma avaliação de conjunto até então impossível. O sentido unificador e abrangente fez do livro um instrumento indispensável ao estudo da nossa poesia. Mas o autor percebeu logo que era imperativo completar a obra, realizando com a prosa o que havia realizado com o verso. E lançou-se à tarefa, melhorando ensaios já escritos, escrevendo novos, pesquisando, analisando, discutindo. O resultado são as páginas densas que compõem este "O mito e o rito", livro irmão de "A presença da poesia", a cujo lado se levanta, completando uma obra impar. E, tal como o outro, destinado a um futuro promissor.

Ainda que a obra destine dois capítulos aos poetas (mortos e vivos, mas todos consagrados) e estejam ausentes alguns nomes e gêneros literários importantes (como o teatro e a crônica), porque não seria possível acolhê-los todos, o que predomina é a prosa. Em sucessivos ensaios, sistemáticos e globais, o autor submete a um exame metuculoso os nossos poetas, contistas, novelistas e romancistas, desde aqueles que já passaram para a História, a exemplo de Cruz e Sousa, Luis Delfino, Araújo Figueiredo, Virgílio Várzea, Tito Carvalho, Othon D'Eça e Lausimar Laus, até os que ainda estão na árdua lida com a palavra e continuam produzindo.

Todos os trabalhos são ensaios autênticos. Focalizam a obra com o conhecimento de quem a palmilhou com olhos de ver, nada escapando ao observador atento, desde os aspectos sociológicos e históricos até as qualidades de estilo e as nuances da técnica de cada um. O resultado da leitura é uma visão perfeita do autor estudado, realçando as características da obra, anotando seus altos e baixos, ajudando, enfim, o leitor a ler melhor, como é propósito da crítica. Para completar o trabalho, Lauro Junkes o enriqueceu com uma Introdução das mais esclarecedoras e com uma bibliografia completa de cada escritor focalizado.

Este livro é o resultado de muitos anos de exercício contínuo do "áspero ofício". Será, sem dúvida, outro marco na carreira vitoriosa de Junkes, homem discreto e que não se deixa fascinar pela glória passageira, preferindo construir em silêncio obras duradouras. Como

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

seus livros anteriores, também este haverá de passar pelas mãos de incontáveis estudantes e interessados. Mas isso não basta, é indispensável que nós, vítimas como ele da "doença literária", apregoemos o seu valor. Pois o militante da crítica, como já afirmou alguém, sofre uma injustiça permanente: vive a divulgar os outros sem que estes jamais o divulguem.

### PÉRICLES EM LIVRO ITALIANO

A obra do catarinense Péricles Prade ultrapassou nossas fronteiras e mereceu a atenção da crítica italiana Franzina Ancona. Depois de um completo exame da obra pradiana, ela acaba de publicar o livro "Frontiere dell'immaginario — Mito e rito nella scrittura di Péricles Prade", editado pela I. I. a. Palma, de Renzo e Rean Mazzoni editores, Palermo. Nesse trabalho, ao longo de uma centena de páginas e ricamente ilustrado, a autora desenvolve uma exaustiva análise dos contos de Prade (com abordagens de sua poética), ressaltando seus efeitos maravilhosos, míticos, esotéricos, surreais. Buscando as raízes da infância nos textos do escritor catarrâneo, acentua a "formosa deformitas" a que ele submete ambientes e figuras, os bichos estranhos e os demônios com que é pródigo em povoar suas páginas. A exemplo do tatu, cujo "coração a própria razão desconhece", um dos animais "che popolano lo zoo fantastico di Prade" (p. 14). Ou como aquela "filha do rei, de apenas dois anos, (que) possuía os olhos iguais aos de abelhas ferozes e com um simples olhar suspendia qualquer objeto por mais pesado que fosse (p. 71).

Prefaciado por Gianfranco de Turris, com capa baseada numa litografia de Alberto Martini (1907), o volume tem em apêndice diversas reproduções das ilustrações dos livros abordados no texto crítico.

Embora não seja a primeira, esta é, sem dúvida, a mais completa e profunda abordagem da literatura de Péricles Prade, agora lançado, em definitivo, no mercado internacional.

Prestigiando o evento, ele viajou a Palermo, especialmente para o lançamento do livro, numa festa cultural do maior sucesso.

### MÁRIO DE ANDRADE EM LIVRO CATARINENSE

Figura sempre presente nas cogitações dos estudiosos é Mário de Andrade, o chamado "Papa do Modernismo" (denominação com que embirrava). Sobre ele muitos livros têm surgido nos últimos tempos, abordando sua vida, sua obra, suas cartas, seu pensamento, enfim. Entre estes faz boa figura o que foi publicado por Leonor Sclair Cabral, sob o título de "As idéias lingüísticas de Mário de Andrade" (Editora da UFSC — Florianópolis — 1986).

Contém o volume duas conferências pronunciadas pela autora, em épocas diferentes, mas ambas tratando desse tema comum: o ideário curioso e fértil do escritor paulista sobre a "língua brasileira", hoje melhor denominada "língua nacional". Com conhecimentos firmes e baseada em excelente bibliografia, ela aborda aspectos como a

busca dessa "língua brasileira", a sua pesquisa dentro do ideário modernista, a visão universalista e a busca da expressão artística, a língua cantada, a língua como instituição social, as funções da linguagem e variados aspectos técnicos, tudo embasado nas manifestações de Mário de Andrade, colhidas cuidadosamente na sua obra e nas suas cartas, o que dá aos ensaios aqui reunidos grande confiabilidade.

É uma contribuição importante e esperamos que caia sob os olhos dos estudiosos do criador de "Macunaíma" para que mereça o destaque que lhe cabe.

#### CUTRAS PUBLICAÇÕES

Cutros trabalhos, de gêneros diversos, engrossaram a caudal das publicações catarinenses desde o último comentário aqui publicado. Avulta dentre eles "O Piloto e a Rainha", novela de José Gonçalves, publicada pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" e lançada nesta cidade na noite de 26 de junho com muito sucesso. O autor é figura muito conhecida nos meios literários blumenauenses e sua luta como Diretor-Executivo daquela Fundação tem sido proclamada. Registro ainda o fascículo "Arquivo Público": inventário da produção intelectual — 1983/1986", levantamento organizado por Leda Maria D'Ávila da Silva Prazeres, revelando aos olhos do leitor uma atividade cultural das mais intensas e variadas, nem sempre divulgada e reconhecida como merece. "Seis ecos lógicos", de Mila Ramos, e "Seis canções", de Dúnia de Freitas, são seleções de poemas publicados numa espécie de **sanfona** (Edições Ipê Joinville) pelas duas poetisas catarinenses, ambas ativas no setor cultural e dotadas de reconhecida veia poética.

O Departamento de Turismo da Prefeitura de Pomerode promoveu exposição individual do escultor Hermann Teichmann, no Centro de Exposições do Município, entre 24 de junho e 3 de agosto, quando permanece aberta à visitação pública.

O lançamento de meu livro "Meu amigo Hélio Bruma", publicado pela Editora do Escritor, será no próximo mês de agosto, contando também com uma palestra do crítico paulista Luz e Silva, na noite anterior.

---

## Aconteceu...

Junho de 1987

---

— DIA 2 — A Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte, uma das mais expressivas e legítima representante das tradições do tiro ao alvo blumenauense, festejou a passagem dos 35 anos de sua fundação. Um programa bem elaborado foi cumprido, com a participação de seu numeroso quadro social.

\* \*

— DIA 2 — Com a programação alusiva a Semana Nacional do Meio Ambiente, a Assessoria Especial do Meio Ambiente do município, AEMA, também comemorou a passagem de seus 10 anos de criação.

\* \*

— DIA 5 — Com a presença de autoridades e convidados, foi

inaugurado, na unidade do bairro da Velha — Divisão de Modas — o Sistema de Tratamento de Efluentes da Companhia Hering, totalmente implantado com tecnologia e equipamentos desenvolvidos em Blumenau.

\* \*

— DIA 5 — No saguão da FURB, foi aberta a exposição de cerâmica da N. Dina, às 19:30 horas. No acontecimento, que contou com apreciável presença, foi servido um coquetel.

\* \*

— DIA 12 — Relatório entregue pela Secretaria de Agricultura municipal ao prefeito Dalto dos Reis, informou que a Patrulha Mecanizada, que dispõe de 24 microtratores prestou serviços, durante o mês de maio, a 206 propriedades agrícolas da região rural do município.

\* \*

— DIA 8 — O Instituto Brasileiro de Pesquisas e Integração Social elegeu Blumenau a “Cidade Integração de 1987”, comunicação que foi feita pelo Prefeito Dalto dos Reis.

\* \*

— DIA 15 — Em consequência do frio que assolou todo o sul e com mais intensidade o planalto catarinense, cuja temperatura chegou a 6,8 graus negativos, faleceu o lavrador Alziro Varela, em Lages com 49 anos de idade.

\* \*

— DIA 19 — Por ocasião da inauguração de uma nova ala do Hospital Santa Isabel, foi, pelo corpo clínico e as irmãs da Divina Providência, prestada merecida homenagem ao falecido Dr. Alfredo Hoess, que foi diretor daquele nosocômio de 1930 a 1952, com méritos benefícios prestados à comunidade blumenauense.

\* \*

— DIA 22 — A Câmara Júnior de Blumenau, registrou, festivamente, o transcurso de seus vinte e cinco anos de instalação nesta cidade.

\* \*

— DIA 24 — Tendo por local o restaurante BUDEGA, à rua Padre Jacobs, foi realizada a abertura da exposição de desenhos de Marilene Cristina Ferreira.

\* \*

— DIA 26 — Com a presença de numeroso público, realizou-se, na Galeria Municipal de Artes, a abertura da exposição de pinturas de Roy Kellermann e o lançamento do livro do jornalista e escritor José Gonçalves — O PILOTO E A RAINHA.

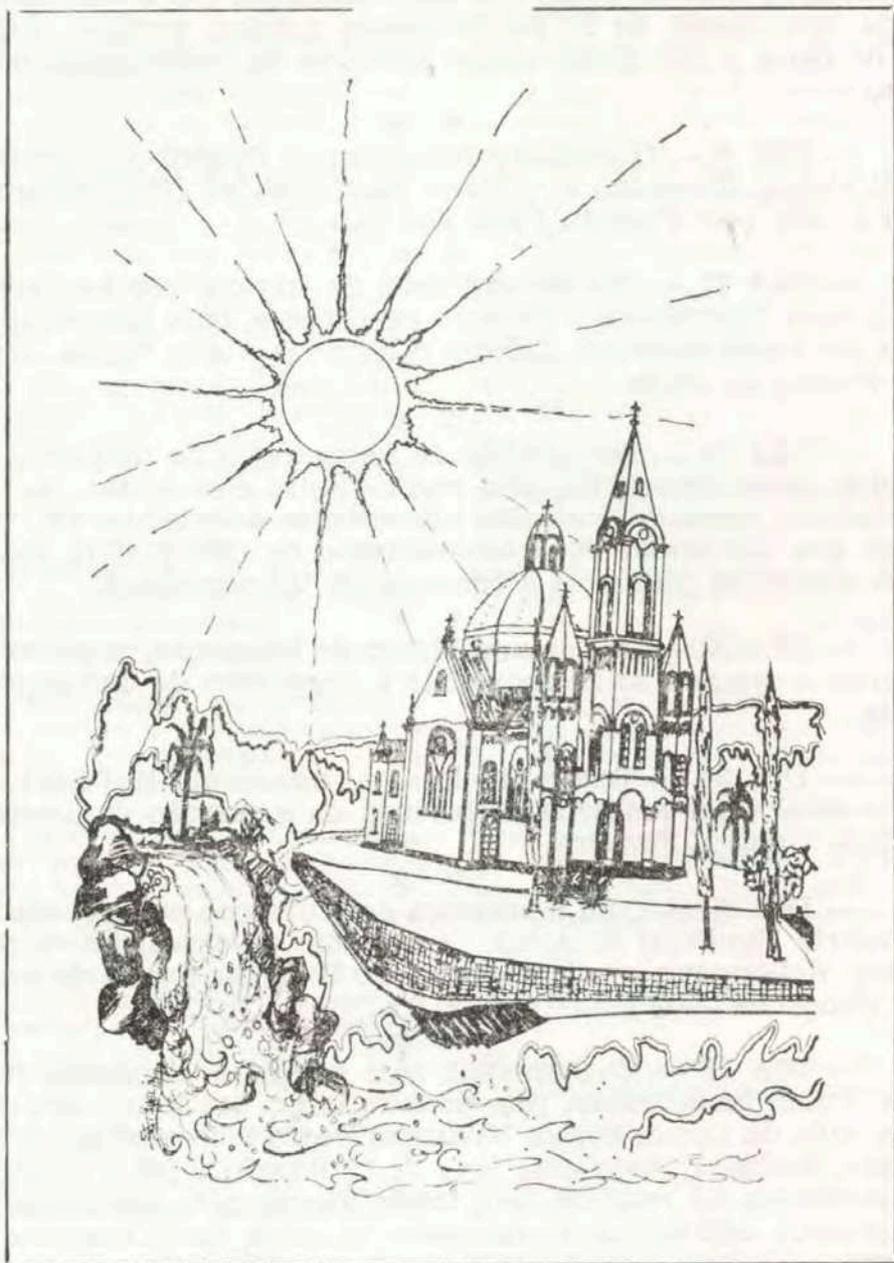
\* \*

— DIA 27 — Comemorado com grande e concorrida festa popular, foram inauguradas, pelo prefeito Dalto dos Reis, mais duas salas de aula da Escola Básica Municipal Pedro I, localizada em Itoupavazinha. Inclui-se ainda uma área de circulação e pátio coberto. O acontecimento foi recebido com muita alegria pela comunidade local, que prestou expressivas homenagens ao chefe do Executivo blumenauense.

# NOTAS SOBRE A POPULAÇÃO DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

1850 - 1890

Carlos Alberto Pinto da Silva



Obs: O artigo sofreu pequenas alterações devido ao alto custo de impressão de seus gráficos de demonstração.

Sobre o autor:

Carlos Alberto Pinto da Silva é licenciado em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque, está cursando o 4.º ano de Teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina e é aluno de pós-graduação Mestrado em História na Universidade Federal de Santa Catarina. O autor trabalhou como assistente religioso na comunidade de São Pedro de Alcântara nos anos de 1984, 1985 e 1986. Endereço atual: Rua Antonio Carlos Ferreira - s/n, Agrônômica, Florianópolis/SC - Caixa Postal 5084 - Tel. 0482-330400.

## Para início de conversa...

São Pedro de Alcântara foi a colônia alemã mais antiga em Santa Catarina (01). Esta primeira agrovila de colonos alemães em solo catarinense está localizada a uns 35 km de Florianópolis, a capital do Estado atualmente.

A data da efetivação da colônia provavelmente é o domingo primeiro de março de 1829 (02). O seu primeiro diretor foi José Silvestre dos Passos, que anteriormente ocupava o cargo de imperial medidor de terras (03).

Mesmo com a falta de planejamento, a insuficiência e desorganização das metas, o alto grau de burocracia e o descaso, a colônia de São Pedro de Alcântara, assim denominada em homenagem ao Primeiro Imperador (04), deixou um exemplo histórico de luta e de trabalho de uma comunidade.

São Pedro de Alcântara não só foi a primeira como foi a mãe

---

(01) Of. Reitz, Raulino, **Frutos da Imigração**, Brusque 1963 pp. 24-26

(02) O arraial colônia de São Pedro de Alcântara é citado pelo Presidente da Província Brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello em correspondência ao Ministro José Clemente Pereira, conforme o solicitado no Imperial Aviso de 14 de maio de 1829 a 25 de dezembro daquele ano. Cf. Piazza, Walter F., **Santa Catarina: sua história**, Editora da UFSC e Lunardelli. Florianópolis 1983 p. 235

(03) Of. Schmitt, Elzeário, **A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina**, Edição do Governo do Estado 1979 p. 1

(04) Idem

de outras colônias alemãs. Forçados pelas necessidades os primeiros colonos que se estabeleceram logo precisaram levantar acampamento e buscar outras terras para desbravar.

Esta colônia foi o berço de algumas famílias patriarcais, de que brotariam, embora não nascidas nela, algumas das figuras mais notáveis do nosso cenário histórico, político e religioso, como os Laurc Müller, os Raulino Horn, os Irineu Bornhausen, os Felipe Schmidt, os Gustavo Richard, os Bonifácio Schmitt, os Evaristo Arns, todos de troncos inicialmente plantados em São Pedro de Alcântara.

### São Pedro de Alcântara, dos primórdios até 1854

Os primeiros colonos alemães chegaram em Santa Catarina no ano de 1828 em dois navios: o bergantim "Marquês de Viana" e o brigue "Luiza". No total eram 635 pessoas, sendo 276 no "Luiza" e 359 no "Marquês de Viana" (05). Desse total 523 eram provenientes de Bremen e os outros eram soldados e ex-mercenários (06).

Em 11 de fevereiro alguns colonos vindos no "Marquês de Viana" são levados à Vila de São José e a primeiro de março já estão no interior em São Pedro de Alcântara. A estes irão se juntar mais cinquenta colonos em novembro de 1829 e 09 de dezembro de 1830 (07).

A colônia já começou mal, pois, a Lei de 15 de dezembro de 1830, em seu artigo 4.º, aboliu as despesas com a colonização estrangeira, deixando a mesma entregue à própria sorte (08). Nesta época a colônia contava com 168 famílias, com 652 pessoas, sendo 377 homens e 275 mulheres (09).

Por uma resolução da Assembléia Provincial de 1844, Lei n.º 194, de 13 de abril, a colônia de São Pedro de Alcântara foi elevada à categoria de freguesia, com a mesma denominação, contando com uma população de mais ou menos 145 famílias, totalizando 700 almas (10).

Em 1847 a colônia, emancipada extemporaneamente, se apresentava com uma população de 622 pessoas alemãs ou de origem e 120 brasileiros, num total de 742 habitantes. Em 1854 serão 1500 habitantes, sendo 30 escravos, 300 estrangeiros e mais de mil brasileiros (11).

Desde a fundação da colônia houve muita migração e ainda há.

---

(05) Piazza, W.F., op. cit. p. 246

(06) Schmitt, Elzeário, op. cit. p. 04 nota 4

(07) Piazza, W.F., op. cit. p. 246

(08) Idem

(09) Conforme recenseamento feito por João Henrique Sochting, segundo diretor da colônia. Cf. Souza, Thiago de, **São José da Terra Firme ou simplesmente São José**. Prefeitura Municipal 1981 p. 19

(10) Idem

(11) Piazza, W.F., op. cit. p. 247

## A população de 1850 até 1890

### 1. Dados Gerais

Como já pudemos verificar, os primeiros imigrantes da colônia tiveram que enfrentar uma série de dificuldades que impediram o êxito da empresa colonizadora. Certamente estas dificuldades, tais como a falta de ajuda financeira, as doenças, as intempéries do tempo e a carência de instrumental para o trabalho, bem como a ausência de um adequado espaço vital, refletiram sobre o crescimento da população impedindo o seu aceleração.

Como a colônia havia começado com o pé esquerdo, as coisas não melhoraram posteriormente. A população era fechada e pouco propensa à mistura do sangue. Isto, além de impedir o crescimento populacional levou a uma certa degeneração genética com casos ilustrativos até o dia de hoje. Também foi assim que os imigrantes se tornaram emigrantes.

Desde a sua fundação houve migração de colonos e seus descendentes para outras áreas da Província. Assim vão migrar de São Pedro para o Vale do Rio Cubatão e fundar a Colônia Vargem Grande. Mais adiante, outros vão entrar no mesmo caminho e se dirigir para o Vale do Rio Itajaí ou para o Vale do Rio Tubarão e Rio Aranguá. Dessa forma se fixam no médio curso do Itajaí-açu antes de 1850 e no século vinte fundam Forquilha, no sul de Santa Catarina (12).

O que temos, portanto, é uma população que não recebe mais imigrantes, mas que se torna emigrante (13). Isto dificulta o crescimento da população. Contudo, a população de 1850 era de 1331 habitantes e a de 1890 era de 3870 habitantes, ou seja, o triplo. Sendo que a população de São José no mesmo período apenas dobrou, passando de 13577 ha. para 33084 habitantes (14).

### 2. A População segundo o sexo

No período de 1850 até 1890 a população masculina e feminina em São Pedro de Alcântara estiveram como que em paralelo. Os homens e as mulheres dividiam quase que equitativamente a população geral em duas partes. Isto é facilmente perceptível através do gráfico número 01. É bom lembrar que em 1830 o número de homens era maior do que o das mulheres. Em 1850 a colônia conta com 593 pes-

(12) Piazza, W.F., op. cit. p. 247

(13) Em janeiro de 1848, novamente em Santa Catarina (Hermann Bruno Otto Blumenau) visita a região do rio Itajaí-açu, onde encontra alemães vindos de São Pedro. Cf. Piazza, op. cit. p. 333

(14) Recenseamento de 1890 e Offícios do Chefe de Polícia

**LOJAS HERING S.A.** Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

soas do sexo masculino e 610 pessoas do sexo feminino. A predominância das mulheres vai se estender até 1853, a partir daí os homens serão em maior número até 1890, exceto em 1861 quando teremos 704 homens e 711 mulheres. A queda da população feminina em 1862 para 671 mulheres talvez deva-se a alguma anotação incorreta, pois, em 1861 a população feminina era de 583 e em 1862 passou para 538, isto para as brasileiras (15). Não há justificativas para o crescimento da população masculina a partir de 1861 até 1864 e depois a sua vertiginosa queda em 1867 para apenas 688 pessoas masculinas (16). Em 1890 a população masculina predomina com 1965 homens contra 1869 mulheres (17). Podemos justificar isso porque em 1890 nós já temos os escravos incluídos entre as pessoas livres e os escravos em São Pedro de Alcântara eram sempre em maior número os do sexo masculino (18).

### 3. A População segundo a Nacionalidade

Em 1847 o número de estrangeiros era maior do que os brasileiros, eram 622 alemães e 120 brasileiros (19). Contudo, em 1850 haverá uma inversão porque pelo Decreto n.º 518, de 31 de janeiro, o Governo Imperial estenderá aos colonos de São Pedro de Alcântara, o disposto no Decreto n.º 397, de 03 de setembro de 1846, ou seja "serão reconhecidos cidadãos brasileiros naturalizados, logo que assinem na respectiva Câmara Municipal termo de declaração de ser essa a sua vontade" e o "Presidente da Província expedirá o respectivo título, isento de qualquer despesa" (20). Dessa forma, o número dos estrangeiros tenderá para um decréscimo gradativo. Em 1850 temos 306 estrangeiros e em 1890 apenas 36 (21).

### 4. A População segundo a Ocupação

A principal ocupação da população de São Pedro de Alcântara era a agricultura. Segundo Thiago de Souza, a colônia, 20 anos depois de fundada, fornecia produtos agrícolas, hortigrangeiros, ovos,

(15) Vide tabela 01

(16) Vide tabela 01

(17) Veja a Tabela 04

(18) Confira na tabela 01

(19) Piazza, W.F., op. cit. p. 247

(20) Piazza, W.F., op. cit. p. 247

(21) Veja tabela 01 e tabela 04

**E. A. V. CATARINENSE** Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

manteiga, aves e cereais no mercado público de Desterro (22). A criação dos habitantes era constituída de lavradores (23). Contudo, em 1867 temos 3 empregados públicos, 17 comerciantes, 1 proprietário e 31 artistas, 352 são os lavradores (24). Como as atividades agrícolas dependiam mais da mão-de-obra do que de investimentos a renda dos colonos era muito baixa, a maioria não ganhava mais do que 500 réis (25). As lavouras mais expressivas eram as de feijão, milho, batata-doce, mandioca, cana-de-açúcar, para o trigo e o arroz não havia solo adequado (26). A condição de lavrador do colono de São Pedro de Alcântara obrigava-o a criação de uma família mais numerosa para dispor de mais mão-de-obra para as lavouras, embora não dispusesse de grande extensão de terras para o seu "lebensraum" (27).

### 5. A População segundo o Grau de Instrução

Infelizmente, a grande maioria da população era analfabeta. Em 1872 apenas 223 homens sabem ler e escrever e 105 mulheres. Os homens analfabetos somam 989 indivíduos e as mulheres 971. Do total de 341 da população escolar masculina de 6 a 15 anos, somente 10 freqüentam a escola. Do total de 279 da população feminina de 6 a 15 anos, apenas 17 têm acesso à escola (28). Entre os escravos existe apenas um homem que sabe ler e escrever (29). A grande dificuldade para os colonos era falar o português, o que é bem compreensível. Havia professores particulares porque não existiam escolas em São Pedro de Alcântara (30). Isto favoreceu a saída de adolescentes e jovens para estudarem fora, pois, os alemães sempre estiveram preocupados com a educação de seus filhos.

### 6. A População segundo a Religião

A religião predominante na colônia sempre foi a católica. Os primeiros imigrantes eram todos católicos. Em 1867, 1340 pessoas são católicas e apenas uma pertencente a "diversos cultos" (31). No recenseamento de 1872 todas as 2.288 pessoas da colônia serão católicas, tanto homens como mulheres (32). A influência da religião na

(22) Souza, T., op. cit. p. 19

(23) Confira "Livro de Correspondência de Arcyprestes e Vigários - 1884", de-  
posto no Arquivo Público de Santa Catarina.

(24) Veja tabela 02 e gráfico 01

(25) Idem

(26) Schmitt, Elzeário, op. cit. p. 22

(27) "Lebensraum" = o espaço pressuposto do conforto, de que os alemães  
eram ciosos. Cf. Schmitt, E., op. cit. p. 06

(28) Veja tabela 03

(29) Confira na tabela 05

(30) Schmitt, E., op. cit. p. 24

(31) Verifique nas tabelas 02 e 03

(32) Vide tabela 03

população é marcante porque, além da ordem divina para o crescimento e multiplicação do homem, o Senhor disse a Abraão: "sai da tua terra e do teu parentesco, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti uma grande nação" (33).

## 7. A População Escrava

Entre os colonos de São Pedro havia sapateiros, ferreiros, marceneiros e pedreiros. Desde logo, tinham seus próprios moinhos e nos mesmos engenhos começaram a surgir os alambiques (34). A aguardente servia para muitas coisas, até para estimular os escravos. Até a abolição, algumas famílias possuíam escravos, de preferência adultos, os quais eram cedo batizados. Os escravos eram tratados como "camaradas", como eram chamados, significativamente, os roceiros caboclos assalariados (35). Os escravos recebiam roupa e alimentação. Alguns chegaram a aprender o alemão. Com a Lei Áurea de 1888, os escravos se estabeleceram logo abaixo da Freguesia formando a Vila "Abissínia" (36). A população escrava da colônia sempre foi bastante reduzida em comparação com a população livre (37). Em 1853 temos uma queda do número de escravos, de 57 homens e 42 mulheres em 1852 caímos para 39 e 30 respectivamente em 1853 (38). Nos anos de 1862 e 1864 teremos o dobro do número de escravos e escravas de 1861 (39) mas, segundo o Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda no ano de 1867, o número de escravos da Freguesia de São Pedro de Alcântara é de 102 elementos (40). Convém salientar que a duplicação da população escrava no período acima referido era tanto masculina como feminina. A maioria, ou melhor, a totalidade dos escravos em 1872 eram solteiros. O casamento não era estimulado. Não porque houvesse ausência de adequado índice de mulheres, como afirma Maria Luiza Marcílio (41), mas sim porque havia uma lei que dificultava a venda e a troca do escravo casado (42).

---

(33) Bíblia de Jerusalém, Gênesis capítulo 12, versículos de 01 a 03

(34) Schmitt, E., op. cit. p. 21

(35) Idem

(36) Idem, p. 22

(37) Verifique tabela 01

(38) Observe a tabela 01

(39) Idem

(40) Conforme a tabela 02

(41) Marcílio, Maria Luiza e Lisanti, Luis, **Estrutura demográfica, social e econômica da Vila de Lajes: 1793-1808**, in Revista Histórica, Estudos Históricos n.º 8. Revista do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. São Paulo 1969 pp. 9-52

(42) Silva, Maria Beatriz Nizze da, **O Casamento e suas normas, eclesiásticas, civis e sociais**, in Cultura do Brasil Colonial, História Brasileira n.º 6. Petrópolis, Vozes 1981 pp. 11-43

## 8. Outras anotações

De acordo com o gráfico 01 podemos evidenciar um crescimento positivo da população entre os anos de 1862 e 1864, por outro lado, existe um descenso para o ano de 1867. O crescimento populacional atingiu tanto os livres como os escravos, notadamente as pessoas livres do sexo masculino (43). O repentino aumento da população em 1890 não deve estranhar porque nesta data o contingente de escravos da colônia já era contado entre as pessoas livres (44). As péssimas condições da colônia sempre motivaram os imigrantes a deixarem São Pedro de Alcântara (45), nem os escravos, depois da abolição da escravatura, quiseram permanecer no local (46). Além disso, em 1845 foi aberta a estrada de Santo Amaro, Rio dos Bugres e Taquaras acima, deslocando o movimento que havia em São Pedro de Alcântara, perdendo a Colônia a sua importância e uma das suas finalidades (47). Não havia mais razões para a população aumentar. O caminho para o interior que devia ser povoado, mudou de rota e a povoação por interesses militares estava concentrada na Colônia de Santa Teresa (48).

**Fonte:** Offícios do Chefe de Polícia ao Presidente da Província de Santa Catarina. Paróquia de S. Pedro de Alcântara. Anos de 1850 a 1864

Tabela 01

Anno	Pessoas Livres									Escravos			Livr+escr	Casas	Fogos
	Brasileiros			Estrangeiros			Pardos			H	M	T	T	T	T
1850	448	449	947	145	161	306	-	-	-	46	32	78	1331	192	225
1851	461	509	970	153	173	326	1	1	2	49	37	86	1384	194	227
1852	424	461	885	111	96	207	1	1	2	57	42	99	1193	188	193
1853	394	418	812	122	93	215	2	2	4	39	30	69	1100	184	190
1854	459	498	967	137	109	246	9	1	10	49	43	92	1315	185	193
1855	504	508	1009	142	115	257	11	3	14	48	43	91	1371	186	198
1856	524	525	1049	147	119	266	15	5	20	50	45	95	1430	189	200
1857	550	551	1101	154	124	278	15	5	20	52	47	99	1498	203	225
1858	572	573	1145	160	129	289	15	5	20	54	48	102	1556	207	234
1861	556	583	1139	147	127	274	1	1	2	60	46	106	1521	216	259
1862	721	538	1259	152	132	284	1	1	2	116	71	187	1732	283	530
1864	844	649	1493	170	152	322	2	2	4	116	72	188	2007	382	413

(43) Veja a Tabela 01. Também pode-se fazer uma comparação com o aumento de número de casas e fogos neste período, observando a mesma tabela.

(44) Vide o gráfico 05

(45) Piazza, W.F., op. cit. p. 247

Schmitt, E. op. cit. p. 15

(46) Schmitt, E. op. cit. p. 22

(47) Idem, p. 12, nota 12

(48) Piazza, W.F., Santa Catarina História da Gente. Lunardelli, Florianópolis, 1983 pp. 71 e 72

**Fonte:** Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina na sua Sessão Ordinária pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda no anno de 1867

Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1867  
Comarca da Capital  
Termos — São José  
Freguesia de São Pedro de Alcântara

Nacionalidade	— Nacional .....	544	
	— Estrangeiro .....	797	
Religião	— Católicos .....	1340	
	— Diversos Cultos .....	1	
Idade	— Adultos .....	600	
	— Menores .....	741	
Estado Civil	— Solteiros .....	906	
	— Casados .....	402	
	— Viúvos .....	33	
Ocupação	— Empregado Público .....	3	
	— Comerciante .....	17	
	— Proprietário .....	1	
	— Lavradores .....	352	
	— Artistas .....	31	
Renda	— de 000 a 500 Rs .....	510	
	— de 500 a 1000 Rs .....	3	
	— de 1000 a 10.000 Rs .....		
Sexo	— Homens .....	688	
	— Mulheres .....	653	
Qualidade ou cor	— Brancos .....	1239	
	— Pardos .....	19	
	— Pretos .....	83	
Condição	— Livres .....	1239	= 1341
	— Escravos .....	102	
	Casas .....	229	
	Fogos .....	236	

**TEKA** É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Tabela 03

Fonte: Recenseamento de 1872

Província de Santa Catharina  
 Quadro geral da População Livre  
 Município de São José  
 Parochia de São Pedro de Alcântara

Província

Sexo	— Masculino .....	1212 ..	73088
	— Feminino .....	1076 ..	71734
	— Total .....	2288 ..	144818
Estado Civil	— Solteiros ...	816 ..	49935
	— Homens — Casados ....	30 ..	24351
	— Viúvos .....	47 ..	1752
	— Solteiras ..	676 ..	47422
	— Mulheres — Casadas ...	331 ..	20112
	— Viúvas ....	50 ..	4196
Raça	— Brancos ....	1195 ..	63502
	— Homens — Pardos .....	5 ..	5911
	— Pretos .....	12 ..	2199
	— Caboclos .....	..	1416
	— Mulheres — Brancas ...	1005 ..	62449
	— Pardas ....	23 ..	5796
	— Pretas ....	43 ..	2048
	— Caboclas .....	..	..
Religião	— Homens — Catholicos ..	1212 ..	67600
	— Acatholicos .....	..	5153
	— Mulheres — Catholicas .	1076 ..	66712
	— Acatholicas ... ..	..	4988
Nacionalidade	— Homens — Brasileiros .	1432 ..	64731
	— Estrangeiros	89 ..	8357
	— Mulheres — Brasileiras .	1021 ..	65241
	— Estrangeiras	55 ..	6489
Casas	— Habitadas .....	..	19698
	— Desabitadas .....	..	528
	— Total .....	..	20138
Número de Fogos .....	..	14459	
Instrução	— Sabem ler e escrever ....	223 ..	13027
	— Homens — Analphab-	..	..
	tos .....	989 ..	59161
	— Sabem ler e escrever ..	105 ..	7993
	— Mulheres — Analphab-	..	..
tas ... ..	971 ..	63731	

		— Freqüentão .	10 ..	3100
	— Meninos	— Não Freqüentão ... ..	331 ..	15676
População		— Total ... ..	341 ..	18776
Escolar de 6 a				
15 annos		— Freqüentão .	17 ..	2114
	— Meninas	— Não Freqüentão ... ..	262 ..	15179
		— Total ... ..	279 ..	17587

**Fonte:** Diretoria Geral de Estado - Relatório e Trabalhos Estatísticos apresentado ao Ilmo. Conselheiro Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira  
Rio de Janeiro

**Fonte:** Recenseamento de 1890

**Tabela 04**

População Recenseada, Nacionalidade e Filiação  
Secretário de Estado José Teixeira Raposo em Julho de 1899

		São Pedro de		
		Alcântara	S. José	Estado
<b>Nacionalidade</b>	— Homens ...	1965 ..	16518 ..	138875
	— Brasileiros — Mulheres ...	1869 ..	14427 ..	138696
	— Estrangeiros — Homens ....	18 ..	64 ..	3114
	— Mulheres ...	18 ..	75 ..	3084
População .....		3870 ..	33084 ..	283769
<b>Filiação</b>	— Legítimos ...	3700 ..	29570 ..	231474
	— Brasileiros — Ilegítimos ..	159 ..	3359 ..	30859
	— Estrangeiros — Legítimos ..	8 ..	112 ..	1092
	— Expostos ..	3 ..	43 ..	345
População .....		3870 ..	33084 ..	283769

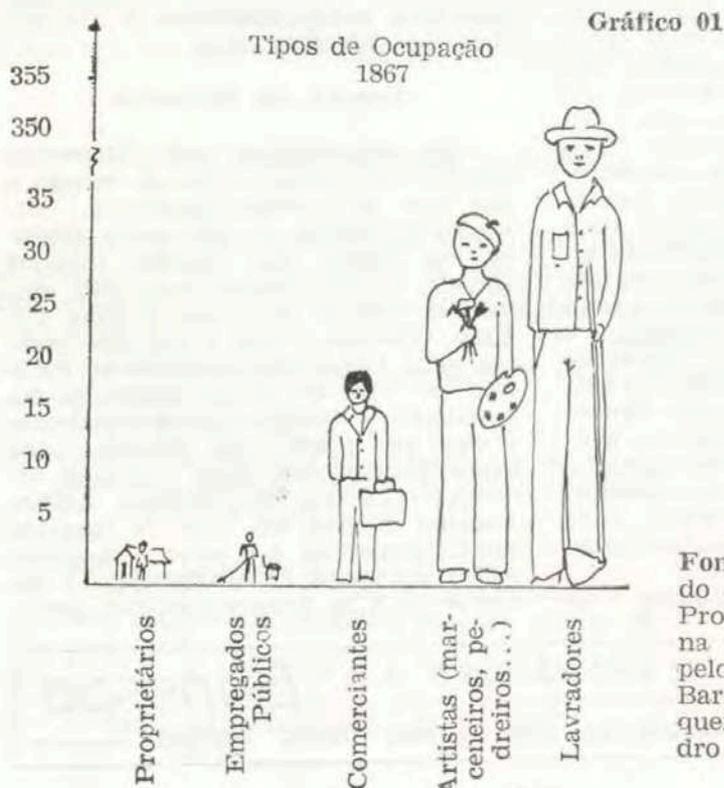
**Fonte:** Recenseamento de 1872

**Tabela 05**

Província de Santa Catharina  
Quadro geral da População Escrava  
Município de São José  
Parochia de São Pedro de Alcântara

	— Masculino .....	60
Sexo	— Feminino .....	40
	— Total .....	100

Estado Civil	— Homens	— Solteiros .....	60
		— Casados .....	
		— Viúvos .....	
— Mulheres		— Solteiras .....	40
		— Casadas .....	
		— Viúvas .....	
Raça	— Homens	— Pardos ....	13
		— Pretos ....	47
	— Mulheres	— Pardas ....	10
		— Pretas ....	30
Religião	— Homens	— Catholicos .....	60
		— Acatholicos .....	
	— Mulheres	— Catholicas .....	40
		— Acatholicas .....	
Nacionalidade	— Homens	— Brasileiros .....	54
		— Estrangeiros .....	06
	— Mulheres	— Brasileiras .....	38
		— Estrangeiras .....	02
Instrução	— Homens	— Sabem ler e escrever	01
		— Analfabetos ....	59
	— Mulheres	— Sabem ler e escrever	00
		— Analfabetas ....	40



Fonte: Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial de Santa Catharina na sua sessão ordinária pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda de São Pedro de Alcântara Freguesia.

# O centenário de nascimento de Eugen Fouquet

(Transcrito do jornal "Brasil-Post" - n.º 806 - 14/05/66)

No dia 3 de maio de 1963 decorria, pela centésima vez, o aniversário de um homem que, como poucos entre os emigrantes alemães, estudou os problemas decorrentes da colonização do século 19, enfrentando-os corajosamente e procurando soluções.

Não alcançou todos os seus objetivos, mas sua vida pública revelou que, em regra, reconheceu cedo e com clarividência, o caminho certo para a solução dos problemas, traçando os rumos a serem seguidos. Era o caminho dos emigrantes alemães e de seus descendentes como cidadãos brasileiros, que se sentiam co-responsáveis pela formação de um estado novo e de um povo jovem, ligados à vida econômica e política e receptíveis ao cultivo do idioma do país e dos valores por ele transmitidos, preservando ao mesmo tempo os valores morais herdados, para utilizá-los em proveito da nova Pátria.

Eugen Fouquet descende de uma família de huguenotes da Picardia, França, estabelecida desde 1691 na província de Brandenburgo e mais tarde na Pomerânia, onde ele nasceu em 1866 no Morgado de Adlig-Zerrin em Buetow, propriedade de seu pai. No certificado ginasial do Ginásio "Koenig Wilhelm de Stettin", sua personalidade é definida da seguinte forma: "Destacou-se pela participação ativa nas aulas, por sua vivacidade e sua excelente compreensão da matéria em questão, mas prejudicou seu progresso pela negligência dada à matemática." Cálculos e números nunca foram de seu gosto. Ao mesmo tempo em que estudava ciências jurídicas em Berlim e Tuebingen, dedicava-se também à filosofia, história e literatura, notadamente a alemã e inglesa, uma predileção que o acompanhou durante toda sua vida e que esclarece seu profundo conhecimento nesta área.

Naqueles anos tempestuosos de

juventude tornou-se receptível aos ensinamentos socialistas e à doutrina de Ferdinand Lassale, e trabalhava ativamente para o partido social-democrático que, na época, ainda estava sob a lei de ilegalidade (Ausnahmegesetz) de 1878. Uma acusação contra Fouquet e companheiros, em relação às atividades políticas em 1889 não trouxe qualquer consequência ao pequeno grupo de "renovadores do mundo" e sua futura emigração, em 1893, para o Brasil com o objetivo de imigrar mais tarde para a colônia alemã na África (hoje Tansânia) não teve relação com sua participação política, nem com sua prestação do serviço militar, como mais tarde seus adversários erroneamente quiseram fazer crer. O afastamento de democracia social e sua luta contra a monarquia, aconteceu depois de sua vinda ao Brasil até por volta de 1900 sob a influência das condições sociais e políticas que aqui encontrou, e no turbilhão revolucionário até 1895 e nos anos subsequentes quando a jovem República lutava por firmar-se interinamente.

## Começo em Blumenau

Sua permanência em Blumenau considerada apenas como de estudo e que seria de caráter transitório, tornou-se definitiva. O até então hóspede do colega de estudos Richard Hinsch, o qual morava num sítio modelo de cultivo de frutas e uvas, em Salto Weissbach, que é um dos lugares mais favorecidos em belezas naturais no Vale do Itajaí, tornou-se comerciante e também caixeiro-viajante, o que na época era comum para quem iniciava nova vida. Nas suas andanças conheceu, em Brusque, Arthur Koehler, o qual, em 1902, se tornaria diretor-comercial e o ativo e corajoso editor do jornal "Urwaldsbote" e entre os dois se desenvolveu um enten-

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

*Banespa*

Um dos colaboradores nas edições desta revista

dimento e uma amizade por toda a vida. Como Eugen Fouquet não possuía capacidade e muito menos tendência comercial assumiu o cargo de redator do *Urwaldsbote* e como tal assinou o referido jornal pela primeira vez em 1.º de novembro de 1898.

A colônia de Blumenau fundada em 1850 originou-se de um empreendimento agrícola da firma "Blumenau e Hackradt", passando em 1860 para colônia do Governo Imperial, declarado município em 1880. O município não dispunha até esta data de jornal próprio. Assim os blumenauenses dependiam do "Kolonie-Zeitung" que era editado desde 1862 em Joinville, uma desvantagem que recaía sobre a vida pública mais e mais e que em 1881 foi sanado pelo surgimento do "Blumenauer-Zeitung", editado por Hermann Baumgarten.

Este semanário cujo esporádico colaborador era o naturalista Fritz Mueller, logo se viu envolvido em desavenças políticas partidárias. Em oposição ao jornal "Blumenauer-Zeitung" circulou de 1883 a 1891 o "Imigrant" e ao seu lado, desde 1893, o apatidário "Urwaldsbote", sendo este até 1900 propriedade da Conferência Pastoral Evangélica de Santa Catarina, passando depois a um consórcio particular, igualmente apatidário e finalmente a Arthur Koehler.

Este semanário passou em 1898, sem prestar serviço a qualquer partido, a opor-se à campanha eleitoral do Dr. José Bonifácio da Cunha para superintendente. Esta era a denominação dada para prefeito, o mais alto mandatário de um município, de cidade ou vila. A primeira incumbência jornalística de Eugen Fouquet consistiu em promover a campanha eleitoral, que falhou devido ao tempo de preparo para a mesma. Ainda no mesmo ano os eleitores decidiram, por uma minoria de 31 votos, a favor do Dr. Cunha contra seu opositor Otto Stutzer, irmão do conhecido pastor Gustav Stutzer.

O resultado desta eleição Eugen Fouquet compreendeu em toda sua extensão, pois o triunfo de uma pessoa sobre seu adversário para um cargo e a vitória de um luso-brasileiro sobre um imigrante alemão pouco lhe importava, mas o triunfo de um sistema administrativo e de princípios governa-

mentais que inevitavelmente seriam prejudiciais à comunidade. Em Dr. Cunha e seus adeptos ele via os representantes e fornecedores de uma má administração e contrariando tal sistema despontou nele além do dever do jornalista a do político. Ambos estavam intimamente ligados na prática, pois o que o político ambicionava o jornalista dizia, justificava e defendia, mas afora isso tinha compromissos específicos. Vamos portanto falar dos dois separadamente.

### O Jornalista

O *Urwaldsbote* inicialmente era editado semanalmente de forma modesta, impresso numa prensa manual, de 1835, com a capacidade de tiragem de 200 exemplares por hora. Em 1907 era publicado 2 vezes por semana em língua alemã, e em 1909 surgiu uma terceira edição em idioma português. Após a declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em 1917, cessou a publicação em língua alemã sendo substituído por um semanário em língua portuguesa, "O Comércio de Blumenau", até agosto de 1919 quando voltou a circular em sua forma antiga, mas sem a edição em português. Em 1928 quando a edição ultrapassou os 5.000 exemplares foi dado um grande passo em direção ao progresso com aquisição de novo maquinário. A 29 de julho de 1941 após 49 anos de atividade foi editado o último número em idioma alemão. O *Urwaldsbote* foi como todos os jornais de idioma alemão vítima do segundo conflito mundial, e à excessão de poucos outros jornais, este não voltou a circular após o término da guerra. Já muitos anos antes, em janeiro de 1927, adoeceu seu redator que durante 28 anos ditou o estilo do jornal e um ano e meio mais tarde entregou seu cargo ao seu sucessor Kurt Prayon.

Os leitores do semanário pertenciam a todas as camadas sociais do município de Blumenau, e atingia muitas outras colônias de origem alemã em Santa Catarina. Mas um número significativo de exemplares transpunha as fronteiras do Estado e mesmo na Alemanha havia seu grupo de leitores. O município de Blumenau contava em 1914, no auge da carreira de Eugen Fouquet com uma população de 80.000 habitantes e cobria uma área de mais

de 10.000 km quadrados, era portanto 3 vezes maior que o condado de Braunschweig terra natal do fundador da cidade e de grande parte dos primeiros emigrantes.

Nas condições ora existentes a redação do *Urwaldsbote* era formada por um único homem. Esta situação também não mudou, quando pouco a pouco sobrevieram correspondentes de outros municípios, estados e até do exterior como colaboradores e auxiliares para assuntos específicos, como em 1909 August Buechler para edição em idioma português. Eugen Fouquet redigia as notícias locais, as do Estado, do Brasil e do exterior, tratava da seção destinada à crítica de novos lançamentos literários e elaborava os artigos de primeira página. Na escolha de todos os assuntos era muito metucioso e mesmo pequenas notícias eram elaboradas para o bom entendimento do leitor. Onde faltava um comentário pessoal este em regra já completava-se com a escolha e apresentação do mesmo.

Os artigos de primeira página abordavam geralmente questões locais na área da política, economia, vida intelectual, acontecimentos locais como por exemplo os ataques dos bugres, as enchentes, apresentações teatrais, visita de políticos em destaque no Estado e no País, eleições ou a visita de marinheiros alemães. Muitos dos artigos relativos ao Concerto das Potências (*Konzert der Maechte*) são relevantes por sua qualidade.

Do socialista de 1900 surgiu um conservador — porém de formação peculiar — o republicano tornara-se monarquista, no que se referia à Europa, do internacionalista surgira um nacionalista que encarava os povos e estados como um todo natural com obrigações específicas. Sua independência, seu desenvolvimento por leis próprias, mas também por um trabalho pacífico em conjunto com os assuntos comunitários lhe pareciam a melhor prevenção diante dos perigos do futuro. Este a seu ver partia do comunismo e do extremo oriente, principalmente para os povos da Europa e seus povos ir-

mãos na América, África e Austrália.

Seguia com preocupação crescente a política das grandes potências — nos encontramos antes de 1914 fim da era imperialista — e receíamos uma guerra suicida dos países europeus, que de fato eclodiu em 1914. Enfrentar a segunda guerra que continuaria e que praticamente concluiu sua obra destruidora, não o encontrou mais entre os vivos. Faleceu a 9 de janeiro de 1937.

Com o início do primeiro conflito mundial o *Urwaldsbote* defendia sem restrições a Alemanha e seus aliados, até que em 1917 teve que silenciar. Com seu reaparecimento em 1919 empenhou-se na luta contra a mentira da culpa de guerra, contra o tratado de Versailles e contra os partidos líderes da república de Weimer, o social democrático, o partido do centro e o partido popular. Muitas vezes foram usadas palavras ásperas como por exemplo em maio de 1924: "O resultado das eleições do Reichstag (Parlamento) prova que o parlamentarismo alemão chegou à estaca zero. Ele se invalida por si mesmo. Uma solução na base parlamentar não existe mais." Isto foi anos antes que o Estado de Weimer caiu vítima de sua própria fraqueza.

Para a profissão de um jornalista, no melhor sentido da palavra, Eugen Fouquet trouxe em profusão: Uma ampla formação cultural, uma pena ágil, um coração aberto, olhar agudo e crítico, integridade, um grande dom de oratória mais a coragem em expor claro e preciso sua opinião, como também de assumir a mesma. Jamais foi um jornalista que colocava seu manto em direção de onde soprava o vento e colegas que o faziam, e quando os encontrava, encarava-os com profundo desprezo.

### O Político

O período de 1895/1900 significava para a jovem república, proclamada a 15 de novembro de 1889, o tempo de consolidação. As sangrentas lutas dos anos 1893/1895 seguiu uma disputa

**KARSTEN** Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

acirrada mas de forma pacífica dos partidos e grupos interessados pela chefia do País. O presidente da república, Campos Salles, esforçava-se, para reorganizar durante seu governo de 1898 a 1902, em especial a situação econômica e financeira que sofrera seriamente com a queda da monarquia. Neste mesmo sentido atuava em Santa Catarina, como governador, Felipe Schmidt filho de imigrante alemão, natural de Oberstein-Idar. Em sentido generalizado o Estado de Santa Catarina representava com seus municípios, sendo Blumenau o mais importante deles, o quadro das condições reinantes na república, que naquela época como hoje abrangia 8,5 milhões de quilômetros quadrados.

Sabemos como Eugen Fouquet entendeu a vitória do Dr. Cunha na eleição de 1898, isto é como um desafio para uma profunda reforma política do município.

Já no ano seguinte a 16 de julho acontecia em Passo Manso a fundação do "Volksverein", (sociedade popular), uma sociedade com fins políticos, cujo objetivo era unir o homem do campo para uma participação ativa nas eleições e romper com o então existente sistema protecionista. As fontes que relatam sobre estes acontecimentos ainda não foram totalmente esgotadas, mas através dos documentos disponíveis sabemos que Eugen Fouquet iniciou este movimento e que Richard Hinsch foi seu dinâmico colaborador. Nesta época requereu sua naturalização e o documento expedido no Rio de Janeiro data de 20 de maio de 1901 e foi assinado por Epitácio Pessoa, o futuro presidente da república nos anos 1919 a 1922.

Nas eleições para deputado estadual a 2 de dezembro de 1900, o Volksverein demonstrou pela primeira vez sua influência e em princípio de 1901 constavam sociedades e grupos similares nas localidades de São Bento do Sul, Joinville, Brusque, Palhoça, São Pedro de Alcântara, Araranguá, Laguna, Tubarão e Imaruí. O sucesso estimulou o Volksverein de Blumenau a convocar um congresso para os dias 26 a 27 de maio de 1901, por ocasião da festa do Espírito Santo em Passo Manso, fundando por proposta de Eugen Fouquet um partido com o nome Volkspartei (Partido Popular).

Em seu discurso aos congressistas

critica as instituições de república que não cumpriram o que haviam prometido. Em verdade, disse, reinava uma oligarquia, o poder de um grupo interesseiro, que através de fraudes eleitorais e outras manipulações obscuras se mantinha no poder, sendo apoiado pela indiferença do povo. Os dirigentes, continuou, faziam da política uma profissão e os partidos eram incapazes de impor-se para acabar com o mal. Com a fundação do Volksverein há dois anos, visava-se em primeiro lugar pôr ordem em casa, isto é, nos municípios, e procurar fazer melhorias. Foi então que surgiu a idéia em estender por todo o Estado uma rede de Volksverein, com uma ampla organização e um programa comum e assim tomar posição junto à política estadual. Na política participavam os imigrantes alemães e seus descendentes como cidadãos brasileiros. O cultivo das tradições germânicas ficava ao encargo das famílias, das sociedades, da igreja e da escola. O imigrante, disse, ama o País no qual encontrou uma nova pátria, e sofre com os males que a atingem e oferece seus préstimos para melhorar a situação.

Após o pronunciamento foi apresentado um programa elaborado pelos representantes de Blumenau e Joinville o qual os presentes analisaram minuciosamente e com poucas modificações o aceitaram por unanimidade. O programa merece ser arrancado do esquecimento pois consta que representa uma tentativa única no Brasil de convocar os imigrantes e seus descendentes, não só para uma participação política como cidadãos, mas também como partido empenhando-se para o bem-estar comum.

O programa se divide em 3 partes: Princípios, reivindicações e aspirações mais organização. Os princípios abrangem o reconhecimento da constituição com sua autonomia concedida aos estados da união e aos municípios como também a vontade de eliminar a controvérsia existente entre a forma do governo autocrático. Cogita-se uma representação no congresso.

As reivindicações são em primeiro lugar de natureza econômica: Eliminação da bi-tributação do comércio e da indústria pelo Estado e Município, fim dos impostos municipais de exportação e de circulação, criação de imposto o qual obriga o parcelamento de

grandes áreas de terra que estavam servindo à especulação, com o propósito de povoamento da mesma, apoio à agricultura por meio de instalação de núcleos agropecuários através de importação de gado de raça pelo governo estadual e de exposições periódicas de gado e produtos agrícolas com considerável prêmio em dinheiro para os criadores de destaque. Por fim pretende-se uma lei de proteção às florestas para conter o desmatamento indiscriminado e assim prevenir a devastação da terra. As exigências políticas visam uma mudança na lei eleitoral e a eliminação do sistema em pagar os funcionários através de gratificações e porcentagem. Todos os funcionários deveriam receber um salário fixo e condigno, podendo o Estado exigir mais de suas capacidades, dispensando a grande parte de funcionários desnecessários.

As reivindicações apontam o que há 65 anos (hoje 86 anos) ainda estava em precárias condições. Todas ou quase todas hoje estão normalizadas, pelo menos por determinação legal, e não só em Santa Catarina como em todo País.

A organização do partido é simples e explícita. Todo cidadão brasileiro, independente de sua origem, pode associar-se ao Volksverein municipal e automaticamente filiar-se ao partido. Os Volksvereine atuam nos assuntos municipais com autonomia de acordo com as diretrizes do partido. Nas convenções partidárias anuais serão representados por delegados, cujo direito de voto corresponde ao número de associados. As decisões do partido devem ser acatadas pelos Volksvereine e cada um separadamente deve zelar pelo comparecimento às urnas em todas as eleições onde o partido é representado. Todos os cargos, com exceção de secretário, são honoríficos.

Para o Volksverein de Blumenau já o ano seguinte, 1902, foi decisivo. Para as eleições municipais apresentaram-se 2 partidos: Um grupo local do partido republicano liderado por Dr. Cunha, com o Blumenauer-Zeitung a

seu favor, sendo Luiz Altenburg candidato para o cargo de superintendente e em oposição o Volksverein aliado ao segundo grupo dos republicanos liderado por Peter Cristian Feddersen. Seu candidato era Alwin Schrader e o Urwaldsbote apoiava sua campanha. Após acirrada disputa eleitoral com uma participação de 1900 dos 3600 eleitores inscritos venceram o Volksverein e o grupo Feddersen, com uma maioria expressiva de votos. Na pessoa de Alwin Schrader assumiu, pela primeira vez, o cargo de superintendente um teuto-brasileiro nascido em Blumenau. Ele atuou de acordo com as diretrizes do Volksverein e para grande satisfação de seus concidadãos, sendo reeleito 4 anos mais tarde com o mesmo agrupamento de partidos, contra uma minoria de votos da oposição mais forte em 1910, até que em 1914 desistiu de outra eleição a fim de se dedicar à sua firma.

Os 12 anos de administração de Alwin Schrader assinalam a vitória total dos ideais do Volksverein no então grande município de Blumenau. A reivindicada limpa administrativa foi introduzida, decretos e leis de utilidade foram emitidos, construídas estradas e pontes, a economia florescia e a agricultura e ofícios (Handwerke) alavancava-se uma indústria com perspectiva para um futuro próspero. Os sucessores de Alwin Schrader, dos quais queremos citar apenas Paulo Zimmermann, Frederico Guilherme Busch e Hercílio Deeke administraram no mesmo sentido, independentes de sua ligação partidária.

Blumenau figurava como exemplo para outros municípios mas ao mesmo tempo aceitava sugestões vindas de fora. O maior reconhecimento recebeu, o então já extinto Volksverein, indiretamente, quando em 1926 o eleito presidente da República Washington Luiz, impressionado pelas condições das antigas colônias alemãs e principalmente pelas estradas ali existentes nomeou o presidente da Câmara Victor Konder para ministro da viação.

O Volkspartei teve curta existên-

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

cia, já em 1904 Eugen Fouquet conscientizou-se que uma propagação deste partido por todo Estado não fora alcançado e que além de Blumenau só existiam ainda Volksvereine em Joinville e São Bento do Sul. O Volksverein de Blumenau no entanto ainda em 1906 possuía uma rígida e forte organização e representava na vida política brasileira um caso único. Em 1914 seus partidários sofreram a primeira derrota nas eleições. Quando ou se de fato foi dissolvido formalmente não foi possível constatar, assim como ainda muitos pormenores estão à espera de serem pesquisados. Pode ser que se tenha tornado desnecessário quando suas metas foram atingidas. No entanto a primeira guerra mundial provocou uma profunda modificação das circunstâncias de modo que seu ressurgimento estava fora de cogitação.

### FIM

Eugen Fouquet provocou muita controvérsia, mas também encontrou muito auxílio e apoio. A controvérsia, a hostilidade declarada chegando até a agressões pessoais vieram a princípio de seus opositores políticos em Blumenau, e após 1918, como consequência de sua posição crítica perante a política alemã, de Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e mesmo de círculos de sua terra natal, todavia não do Rio de Janeiro. O reconhecimento que recebeu de seus concidadãos, os quais observaram seu empenho corajoso, de seus amigos políticos e de muitas pessoas daqui e de além-mar, cuja atenção foi atraída pela forma peculiar e talvez única do seu jornal de nome singular.

Entre seus amigos políticos constava Lauro Mueller, neto de imigrantes e que em 1889 integrava a comitiva do então presidente provisório Marechal Deodoro da Fonseca, depois por duas vezes governador do Estado de Santa Catarina, ministro da viação e por fim ministro do exterior. A esta aliam-se o governador Raulino Horn, Hercílio da Luz, Vidal Ramos e Pereira Oliveira, bem como os irmãos Konder, dos quais Victor Konder foi seu vizinho nos últimos anos de sua vida.

Por ocasião dos 25 anos de jubileu como redator, em 1923, inúmeros telegramas de felicitações lhe foram enviados e que focalizavam seu trabalho pelo prisma brasileiro. Raulino Horn destacou sua brilhante atuação na luta em prol do desenvolvimento do país, Pereira Oliveira que em 1906 o destacou com uma visita pessoal, reconheceu sua atitude impecável de homem público e Hercílio da Luz salientou "seus serviços reais" que realizou com muito talento e dignidade e a nobre e sincera amizade que perdurou 25 anos. Os irmãos Konder e outros expressaram-se no mesmo sentido.

Estas manifestações mostram que na opinião de renomados políticos do Estado e os relacionados do governo federal, ele em sua carreira jornalística e política escolhera o caminho certo: O do cidadão brasileiro que se empenhava sem restrições pelo bem de sua nova pátria, sem, entretanto, jamais negar sua origem.

Durante os anos de sua atividade Eugen Fouquet foi considerado por amigos e adversários como líder intelectual dos teuto-brasileiros em Santa Catarina e também fora do Estado.

Mesmo tendo alcançado apenas parcialmente seus elevados objetivos como o Volkspartei que não conseguiu se manter e os Volksvereine dissolvendo-se aos poucos, sendo o de Blumenau o último, assim pode retirar-se da vida pública após grave enfermidade em 1927 consciente de que o Urwaldsbote e os partidos e grupos por ele dirigidos contribuíram para um desenvolvimento sadio do Vale do Itajaí.

Após a desvinculação do diretor da colônia Dr. Hermann Blumenau, o município vinha sofrendo por duas décadas, até 1932, a falta de uma ordem rígida e de objetivos econômicos e políticos concretos. A partir de 1902 reencontrou-se ciente de seu destino e uniu suas forças em torno do progresso. Assim foi possível chegar a este desenvolvimento com prósperas e encantadoras cidades — hoje divididas em muitos municípios — e que passou a ser conhecido de todos nós como o município modelo.

(Tradução de Edith Eimer)

# Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo

Maria Batista Nercolini

## 5º. Capítulo

No 3.º Capítulo, falamos de Correio, prometendo voltar após recebermos documentos.

Apresentamos: Departamento Correios e Telégrafos.

O Correio era uma Repartição que funcionava à parte do telégrafo e que só mais tarde houve fusão.

Seu competente funcionário era João Araújo Lima, que faremos alusão no capítulo dedicado a VULTOS ILUSTRES. Essa Repartição funcionava na casa de sua propriedade, mais ou menos onde está hoje o Hotel Nevada.

Vamos lembrar que a correspondência, que vinha e ia para Lages, Urubici, Bom Jardim, daí para baixo da Serra, era em lombo de animais. Lembremos nossos estafetas, Francisco Santos, Guedes, Farias e Juventino, para B. Jardim este último, até mais ou menos 1945. Estes estafetas usavam roupas de cáqui amarelo, e as pessoas da época sabem da pontualidade e presteza do Correio. Viagens fatigantes, num itinerário semanal.

Como já noticiamos, o telégrafo, no final do século, funcionava. Dos funcionários conseguimos a documentação da Divisão de Administração do pessoal do Ex-DCT-Brasília DF, em 20-05-1967, por nossa solicitação.

Janjão (pai de Renato Góss), conforme notícia também a "Gazeta Joaquinense" em 1909, ainda trabalhava em nossa Comuna, cuja biografia daremos oportunamente, sem contudo afirmarmos que seria o 1.º telegrafista.

Aristides Felix Cassão, sendo deste a Portaria conseguida:

"Matrícula n.º 365.434. Nasceu em 15-1-1891 e foi admitido em 06-01-1909, como Trabalhador Diarista. Em 24-08-1911, foi elevado ao cargo de Telegrafista Regional. Passando por várias promoções atingiu a carreira de telegrafista "M", conforme Decreto de 23-04-54, do Diário Oficial da União, em 30 do mesmo mês.

Foi também funcionário do Cor-

reio, conforme portaria, e em virtude da fusão descrita acima. Faleceu em Florianópolis, em 26-09-1954, aos 63 anos de idade dos quais 45 anos dedicados aos serviços públicos.

A linha telefônica foi criada mais ou menos em 1928 no então Distrito de Bom Jardim da Serra. O encarregado foi Gil Mattos, filho de um dos homens mais inteligentes e probos, Sebastião Mattos.

Aristides transferiu-se para Tijucas, ficando sua irmã Juliete Martins Cassão, também telegrafista, e o nosso amigo Benigno Dutra, neto pelo lado paterno de Horácio Dutra, um dos homens que muito serviu nossa Comuna. Foi Secretário da Prefeitura, ocupou outros cargos de confiança e possuía uma invejável caligrafia. Horácio, pai de Gasparino, foi outro sãojoaquinense amigo e amante de sua terra. Destacou-se como funcionário, Coletor estadual, Diretor do Tesouro do Estado e Prefeito na cidade de Urubici. Muito sabia de nossa gente. Lamentamos que não haja nada registrado de sua autoria, como o lado materno, os Cavaleiros e outros pioneiros.

Era casado com Alice Costa, também de família de destaque na Comunidade. E hoje aí está a Repartição "Empresa Brasileira Correios e Telégrafos", desde 1964, com boa instalação, ótimos funcionários, alguns nossos conterrâneos, trabalhando, servindo e impulsionando o nosso progresso.

## SAÚDE

### Hospital Sagrado Coração de Jesus (Respeitando grafia original)

Conforme cópia do testamento em nosso poder, transcrevemos fielmente a parte que interessa ao Hospital. "(Expedido pelo Cartório da 2.ª Vara Civil, Comarca de São Joaquim)". No

livro de Registro dos Testamentos, à fls. 14v. a 16, consta da averbação do seguinte testamento: "Averbação e Registro do Testamento do teor seguinte J.M.J. Em nome da Santíssima Trindade, Padre Filho Espírito Santo, Três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro, em quem piamente creio e em cuja fé pretendo viver e morrer, é este o meu testamento contendo as minhas disposições de última vontade:

"Declaro chamar-me Bento Cavaleiro do Amaral, natural deste Estado, domiciliado nesta Comarca, filho de Manoel Cavaleiro Leitão e Maria-ra Candida d' Almeida, já falecidos, \*(Obs: continua o testamento com doação à família)\*. Em um dos itens, encontramos: "Dentro das forças de minha terça, faço doação de uma área de terras que possuo próximo desta Villa, e que confronta com Enéas da Silva Mattos, e Tenente Egidio Martorano, e o arroio \*(Obs: Este é o arroio da chapada do Cruzeiro)\* que passa próximo desta Villa, a um estabelecimento de caridade, cujo terreno destino à edificação de um asylo para indigentes. Era o dia 28/06-1903." \*A obs: é nossa\*

\*Idem Idem\*

Diante desta doação, foi fundada a Associação Beneficente "Bento Cavaleiro" em 1925.

Em 1932 foi dado início a construção do Hospital de Caridade Coração de Jesus. Para esta obra movimentou-se a Diretoria: Domingos Martorano, Thiago Fioravante de Mattos, Aristides Batcke, Manoel Teixeira e o professor José Jaime Vieira Rodrigues, o batalhador incansável, que percorreu o Município a cavalo, visitando nossos fazendeiros para trazer recursos para essa obra prioritária e desejada para a nossa coletividade.

Só foi inaugurado no dia 30 de abril de 1944 com a Banda Musical Mozart Joaquinense, a população presente, discursos e a porta aberta pelo neto de Bento Cavaleiro do Amaral, Gervásio Pereira do Amaral. Estas reminiscências devem estar registradas na memória de muitos que assistiram.

As outras edificações, em 1963 e 1970, abrangendo, emergência, novo centro cirúrgico, pediatria, cozinha, lavanderia etc, foram tarefas árduas dos médicos e comunidade.

Estão em andamento os 4 blocos que fazem parte do Hospital, no co-

mando de seu idealizador Dr. Jani Rogério Vieira Wolff, que será assim apoteose desta batalha nascida em 1903.

São Joaquim esteve sempre amparado por bons médicos. Daremos a rominata. (Se a memória nos trair, corrigiremos em nossa futura monografia, (observação, válida também no setor odontológico e farmácia).

O Dr. José Nabuco D'Avila, de Pernambuco, mais ou menos 1917-1919, teve a infelicidade de perder sua esposa e filhinho, vítimas da epidemia espanhola, após a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial.

Dr. Vicente Modena, 1920.

Dr. Newton Vieira Ramos, do Estado do Espírito Santo, 1920 casouse com Herondina de Macedo, de importante família de Bom Jardim da Serra.

Dr. Müller, mais ou menos 1925.

Dr. Vicente Cantisani, italiano jovem, solteiro, competentíssimo, conviveu entre nós por muitos anos. Com a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial e os seus efeitos, partiu em circunstâncias desagradáveis, falecendo no Amazonas, onde foi reunir-se a um irmão.

Dr. Jorge Clarke Bleyer, médico cientista natural de Homnover (Alemanha), radicou-se em nosso Estado e viveu também em outras cidades. Casouse com jovem da conhecida família Neves, de Lages. Tem vários trabalhos científicos, como: Conferência na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro "Contribuição para estudos do troglodyta das cavernas no planalto do Brasil". (Publicado em 19-8-1919 - Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina).

"Ueber die antropophagie praehistorischer ureinvohner des Hochplathou's von Santa Catarina in Brasilien", apresentado ao XVIII congresso internacional de Americanistas e impressa nos seus "anais", Londres 1913. Apresentou-se no XX Congresso Internacional de Americanistas, no Rio de Janeiro, em 1922. "Investigações sobre o homem Pré-histórico no Brasil Meridional". Sobre o canibalismo aborigene pré-histórico habitante de grutas e abrigos sob rocha" 1928. (Do Livro As Grutas de São Joaquim e Urubici de Walter Piazza).

Dr. Armando Ramos de Carvalho, natural de Lages, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, 1924, esteve entre nós mais ou menos de 1925 a 1930.

Dr. Agripa de Castro Farias - Campos, Rio de Janeiro. (Biografia capítulo política).

Chegamos em 1930 e com ele a satisfação e até mesmo orgulho de termos o nosso primeiro médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Joaquim Pinto de Arruda, bisneto de nosso fundador. (Dados biográficos, no capítulo Política).

Dr. José Martins, filho do emérito professor Adolfo Martins e Dolores Ribeiro Martins. Infelizmente a morte o arrebatou muito jovem. (Não clinicou em nossa cidade).

Dr. Aristarides Stadler médico paranaense, que pelo devotamento à sua profissão, deixou profundas marcas no seio do povo e principalmente dos



Dr. Newton Vieira Ramos

mais humildes. Casou-se com a belíssima Gema, representante da fina Sociedade Bonjardinense, falecendo muito cedo.

Dr. João Batista Verás - 1944

Dr. Arnaldo Bittencourt

Dr. Bica - 1950

Dr. Artur Lopes da Silveira Pinto

Dr. Abrahão Kochmann

Dr. Samuel Meyer

Dr. Egidio Martorano, foi presidente do Hospital. - Como político (Cap. Política).

Em 1956, o Dr. Olavo Francisco Vieira chegou para exercer sua profissão, abraçando-a com muito fervor, sempre solícito aos que o procuram especialmente os pobres. Por esse trabalho tão humano justifica o respeito, o carinho do povo para com ele. Foi Diretor do Hospital, no período de 5 a 6 anos.

Médicos da atualidade, alguns dos quais sãojoaquinhenses:

Dr. Jani Rodrigues Vieira Wolff

Dr. José Luiz Fergomache

Dr. Leonardo José Batche

Dr. Lizandro Chiodelli

Dr. Newton Estélio Fontanella

Dr. Olavo Francisco Vieira

Dr. Romario Zobot

Dr. Sergio Luiz Ribeiro

Dr. Teimo Francisco de Souza Palma

Dr. Walter Gonçalves de Azevedo

#### Dentistas:

Oscar Alves Ferreira — Gaúcho de Porto Alegre

José Silveira Batalha — São Joaquim

Aristides Soares — Lages

Henrique (Alemão) — Blumenau

Hugo Bertaluze — Nova Venéza

Laerte Rodrigues Lima — Lages

Dr. Gaaracy Santos — Florianópolis.

Para chegarmos em 1987, com muitos sãojoaquinhenses e de outras localidades:

Dr. Alcides Celestino dos Santos  
Dr. Alcir Rogerio Rodrigues  
Dr. Anacreonte Martins Antunes  
Dr. Doroteu Campos  
Dr. Fulvio Ferreira Filho (Blumenau atualmente)  
Dr. João Pagani  
Dr. Joaquim Anacleto Rodrigues Neto  
Dr. Renaldo Albino de Bem  
Dr. Zilson Marivaldo Gonçalves de Azevedo

#### Farmácias

Partimos de 1935, pelos documentos existentes: "Santa Maria", de Ene-dino Batista Ribeiro, Farmacêutico formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De: Silvio Souza  
Hilário Bleyer  
João Jorge da Silva e Barnabé Dutra, passando por compra a Altamiro Bianchini, farmacêutico formado, "Farmácia N. S. das Graças" que hoje pertence ao seu filho Dr. Luiz Carlos Bianchini, também farmacêutico e bioquímico, respectivamente esposo e filho da escritora Suzana Scóss Bianchini, autora do livro "Recordando São Joaquim".

De: Rui Vieira  
Rede Farmácias Pinheiro Ltda.  
Farmácia Popular Ltda. — Clovis Debetio  
Farmácia São João Ltda — João de Oliveira Neto.

## IMIGRAÇÃO POLONESA

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Com referência à carta do sr. Boreslau Mrówczyński, publicada em "Blumenau em Cadernos" n.ºs 11 e 12, nov/dez - 86, pág. 336, a qual dá conta de pesquisas e versões sobre Sixteen-Lots, Saporski, imigração polonesa enfim. O sr. Boreslau faz constatações diversas a respeito do assunto e aqui damos nossa versão sobre alguns itens por ele abordados: com relação ao item 2: — "Ele (Saporski) está em Sixteen-Lots e escreve em nome dos colonos a petição ao Ministro da Agricultura e não ao Imperador". Confere (olhar o anexo n.º 3, pág. 72 do livro de nossa autoria "A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro"), que é um aviso do mesmo Ministério ao Presidente da Província de Santa Catarina notificando a este

Presidente (ou melhor: aconselhando-o) a exigir dos petionários (no caso, Zielinski e Saporski) "não só que escolham a localidade em que terão de fixar-se, como também declararem precisamente com eles alguns dos Agentes do Governo, no caso de decidir-se apresentar-lhes o auxílio do transporte". Tal documentação data de 11/5/1869.

**Item 3:** "Ele entrega esta petição às mãos do imperador durante uma audiência hebdomadária (seg. Aurélio, quer dizer: semanal) perante todos os presentes". Esta cena é relatada com tal simplicidade que se pode dar crédito a ela".

Segundo sua descrição no livro "Memórias", Saporski relata que redigiu um documento, colheu assinaturas e levou às mãos

### MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

do Imperador, solicitando a saída dos colonos da localidade em que se encontravam e que, apesar de saber que S.M. desprezava pedidos de tal natureza, Saporski consegue entregar a petição ao próprio Imperador (pág. 41 de "Memórias").

Como não obtivera resposta alguma, Saporski dirige-se ao Desterro onde é informado que posteriormente seria comunicado sobre seu pedido, e regressa ao Paraná.

**Item 4:** "O documento enviado ao imperador se perde entre as atas em Desterro e Saporski o reencontra".

Porém ignora-se a respeito da resposta que o Imperador lhe teria dado; pesquisamos, a respeito, no "Livro das Correspondências recebidas pelo Governo de Província de Sua Magestade (APESC) e nada foi encontrado com relação a este fato.

**Item 5:** "Ele remete nova petição de Sixteen-Lots às mãos do vice-presidente Hermelino de Leão em Curitiba".

O que Saporski comenta no seu livro é que sugeriu a ida de dois delegados representantes dos colonos sediados em Sixteen-Lots para verificarem pessoalmente as condições do lugar a eles destinados em Curitiba. Ainda segundo Saporski, estes dois delegados levariam cartas de pessoas desejosas de aproveitarem a chance de reimigração, fato que reforçaria a decisão do Vice-Presidente da Província do Paraná em acolher os imigrantes.

**Item 6:** "Ele mantém intensa correspondência com Franciszek Mócko e os colonos de Sixteen-Lots, antes de sua chegada ao Paraná".

Sobre Francisco: consta que

chegou com sua mulher Helena Hemmen, à Villa do Itajahy em agosto de 1869. No ano de 1870 ocorria o nascimento e batizado de Sophia, sua filha, nascida a 29 de setembro do mesmo ano. Nos documentos do Arquivo da Câmara Municipal de Curitiba que registram as correspondências encaminhadas pelos colonos poloneses já no Paraná (a transmigração ocorreu em setembro de 1871), requerendo lotes de terras, em nenhuma aparece o nome de Motzko. Encontramos sim, no Livro dos Batizados (1869-1876) o registro do batizado de Otto João Motzko, no dia 5 de janeiro de 1873 quando o Pe. Alberto Francisco Gattone anotou: "baptizei e puz os s. oleos ao inocente Otto João, nascido a 18 de outubro de 1872, na Colônia Príncipe Dom Pedro, filho legítimo de Francisco Motzko ede Helena Hemmen".

Além desse, outro comprovante da permanência de Motzko na Príncipe Dom Pedro é o nascimento de sua filha Maria Hedwirges, a 6 de setembro de 1874, batizada a 1.º de outubro do mesmo ano na Capela de Nossa Senhora das Dores.

Isto nos leva a crer que Motzko tenha optado em permanecer na C.P.D.P., a par de sua amizade com Samorski. E chance para reimigrar talvez tenha tido, pois seus patrícios já estavam se instalando em Curitiba e muitos haviam requerido lotes à Câmara Municipal.

**Item 7:** "Sobre Sixteen-Lots: ele consola e tranqüiliza os coitados (de acordo com "Memoires"). Anima-os e os persuadiu a fim de se estabelecerem no Paraná ou junto ao Padre Antoine Zielinski onde obteriam terras para a colonização. Nem as "Memoires"

nem os fatos justificam esta constatação. Estas afirmações mais tarde trouxeram conseqüências desagradáveis a Saporski”.

A persuasão deu resultados: os poloneses “fugiram” para o Paraná em setembro de 1871. Mas, a estas alturas, o Padre Zielinski já havia deixado de parocar a freguesia de São Pedro Apóstolo, conforme comunicado do Governo da Província de SC dando conta — à tesouraria da fazenda —, que o fato se dera a 29 de janeiro de 1870.

Quanto às conseqüências desagradáveis, o senhor Boreslau deve se referir ao telegrama que o Presidente da Província do Paraná recebeu do Gabinete do Ministro da Agricultura indagando se “he certo que os colonos Polacos que foram de Santa Catarina para essa província andão esmolando e nada teem em que se ocupem?” (1/11/1871).

Em verdade, os poloneses constataram, ao chegar em Curitiba, que não havia sido preparado qualquer barraco que pudesse alojar uma só família. Côncios de que nada além das despesas de viagem seria pago, os colonos solicitaram seus terrenos em 7/11/1871 à Câmara Municipal, renovaram o pedido diversas vezes e por fim, em fevereiro de 1872, a comissão deu parecer favorável. A 13 de outubro do mesmo ano Saporski solicitou à Câmara, informações sobre as famílias polacas e, na resposta, outro ponto que deve ter desagradado a Saporski: a confirmação, dois anos depois, da chegada a Curitiba, que as famílias não receberam qualquer ajuda, favor ou adiantamento financeiro para o seu estabelecimento em terras paranaenses. Não tiveram eles o mesmo recomeçar?

## Subsidios Históricas

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

**Anúncio de 4 de janeiro de 1879, há exatamente 100 anos:**

Escola Pública de Joinville.

O ano letivo de 1879 tem início na terça-feira, dia 7 de janeiro.

Corpo Docente: 1. — Diretor, Rev. Padre Boergershausen. 2 — Sr. Julius Schubert. 3 — Sr. Theodor Lauer. 4 — Sr. Otto Krause. 5 — S.a. Max Anton. 6 — Um professor de ginástica.

Nos dois primeiros dias, portanto a 7 e 8 de janeiro, das 9 às 12 horas, realiza-se a matrícula das crianças, na casa da Direção da Colônia, ao lado das casas de recepção, nas condições já conhecidas. — A nova comissão, eleita por 2 anos, se compõe dos senhores Etzold, Hopiner, Motzkeit, farmacêutico Schmidt, F. Stamm e dos substitutos Teuber e Zimmer.

Joinville, 1.º de janeiro de 1879, Dr. Wigand Engelke, inspetor escolar.

**Anúncio de 11 de janeiro de 1879:**

Proclamação! A Escola Pública de nossa Cidade, nos 22 anos

de sua existência, teve a triste sina de mudar constantemente, de um local para outro. Em quantas localidades diferentes já esteve sediada! Quem teve ocasião de acompanhar o seu desenvolvimento, viu seu início na velha sala do sr. Trinks, depois na atual casa do sr. Dietrich, na residência do pastor protestante, numa construção própria, de pouca duração, infelizmente. Depois na Igreja protestante, na casa de recepção no Caminho do Meio, na igreja católica, na casa do dr. Engelke, na casa do Sr. Bernstein e, ultimamente, na casa do sr. Kroehne, situada na Praça do Mercado. Atualmente, a mesma seria obrigada, como o povo judeu no deserto, a viver em tabernáculos, se não fosse a bondade da Direção da Colônia, que lhe cedeu, interinamente, a velha casa da Direção. Essa situação incômodo paira como uma nuvem escura sobre a nossa tão florescente Cidade, e é preciso por um fim a esse estado de coisas. É o que devemos aos nossos filhos e a nós mesmos. O mal só poderá ser sanado com a construção de um edifício escolar, pois se a Direção da Colônia vender o imóvel ou precisar das acomodações cedidas interinamente, para onde ir com os nossos 300 a 400 alunos e todo o material?

Com 5 a 6 contos poderíamos construir um edifício adequado, embora não luxuoso. Atendendo ao desejo de numerosos joinvillenses, foi organizada uma comissão a fim de argariar, por meio de contribuições voluntárias, o capital necessário. A comissão tem uma incumbência difícil, mas conta com o espírito de sacrifício de seus concidadãos, que jamais deixaram de comprovar a sua boa vontade, e além disso espera a benevolência do nosso Governo. Poderíamos, certamente, contar com esse auxílio, se estivéssemos em condições de afirmar, que os moradores de Joinville já fizeram o que lhes foi possível, reunindo um determinado fundo.

Por isso, concidadãos, apelamos a cada um, no sentido de contribuir na medida de suas forças, para obra tão necessária!

O edifício a construir — depois da conclusão — será doado à Câmara Municipal, representante de toda a comunidade joinvillense, sob a condição expressa de servir, exclusivamente, como sede da Escola Pública. Uma área excelente para a construção já nos foi prometida.

Joinville, 10 de janeiro de 1879. A Comissão: Antonio Sinke. H. Lepper, Carl Kumlehn, C. W. Boehm, Eugen Schmidt.

Nota da Tradutora: O terreno para a construção do edifício escolar foi doado pelo Padre Boegershausen e a escola, após a morte do Reverendo, em 1906, foi denominada "Colégio Municipal"; mais tarde, "Grupo Escolar Conselheiro Mafra" e, por fim, serviu de sede à Prefeitura Municipal de Joinville, até a sua demolição, quando da abertura da Avenida Juscelino Kubitschek.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA